

VIII Simpósio Nacional de História Cultural
**MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA
CULTURAL**

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Araguaína - TO

14 a 18 de Novembro de 2016

**O RELÓGIO BELISÁRIO, DE JOSÉ J. VEIGA E O IMAGINÁRIO
ESPÍRITA**

Gismair Martins Teixeira*

INTRODUÇÃO

Há uma considerável massa crítica de obras da literatura universal, concebidas por autores exponenciais das mais diversas escolas e tendências literárias, que apresentam em suas efabulações tópicos alusivos ao imaginário do espiritismo sistematizado por Allan Kardec na segunda metade do século XIX, na França. O diálogo com o imaginário que o espiritismo construiu em mais de século e meio de existência organizada epistemologicamente, ocorre ora de forma ostensiva, ora de forma implícita, o que exige do leitor um conteúdo de informações que somente a familiaridade com os postulados espiritistas pode proporcionar.

O presente estudo apresenta, assim, apontamentos em torno do imaginário espiritista em breves recortes literários de obras consagradas da literatura universal, além de, e principalmente, um maior detalhamento desse compósito imagético na estrutura narrativa do romance *O relógio Belisário*, do escritor goiano José J. Veiga.

* Doutor em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás; professor P-IV do Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte, da Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte de Goiás.

IMAGINÁRIO ESPIRITISTA E LITERATURA

No dia 18 de abril de 1857, na França, publicava-se a obra intitulada *O livro dos espíritos*. De autoria de Allan Kardec (1995), pseudônimo adotado pelo pensador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), esse trabalho inaugurava no tempo e no espaço o movimento que passou a denominar-se espiritismo. O adjetivo que se refere aos seus profítes é “espírita” ou “espiritista” (KARDEC, 1995). Aclimatando-se no Brasil como em nenhum outro lugar (STOLL, 2016), a doutrina kardequiana formou ao longo do tempo todo um conjunto de imagens que lhe são próprias.

Essa constelação imagética, por sua vez, compõe o imaginário espírita, cuja particularidade se abre para um conjunto maior, que o pesquisador francês Gilbert Durand define em seu clássico *As estruturas antropológicas do imaginário* ao fazer um resumo inicial de sua longa trajetória de estudos em torno desse problema epistemológico:

Em resumo: tal como há dez anos, o Imaginário – ou seja, o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens* – aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano. O Imaginário é esta encruzilhada antropológica que permite esclarecer um aspecto de uma determinada ciência humana por um outro aspecto de uma outra. (DURAND, 2012, p.18; grifo nosso)

Assim, infere-se que cada campo de conhecimento possuirá o seu imaginário particular, que naturalmente abre diálogo com outras instâncias imagéticas cumulativas da cultura elaborada pelo *homo sapiens*. Em *História do espiritismo*, o escritor escocês Arthur Conan Doyle (2008), profíteste do espiritismo e criador do célebre personagem Sherlock Holmes, apresenta descritivamente uma série de fenômenos mediúnicos catalogados em diversas regiões da Europa.

A fenomenologia básica em torno do etos espiritista abrange duas categorias fundamentais: fenômenos físicos e fenômenos inteligentes, conforme se deduz do que apresenta Doyle (2008). O espiritismo sistematizado por Allan Kardec é uma das vertentes que se desenvolveu a partir da pesquisa empreendida pelo estudioso francês em torno da vasta gama de fenômenos também conhecidos sob a denominação de “paranormais”.

Em seu *O livro dos espíritos*, Allan Kardec (1995) apresenta os princípios que extraiu da comunicabilidade com o mundo espiritual, conforme pode ser pesquisado no imaginário (DURAND, 2012, p.18) espírita que se estabeleceu com a publicação de sua

obra básica. Dentre esses princípios, aqueles que mais tocam os sentidos são os que envolvem a existência do espírito e sua comunicabilidade com o mundo material através dos fenômenos mediúnicos ostensivos (KARDEC, 1995).

Em *A nova revelação*, obra de natureza autobiográfica, Conan Doyle (1980) apresenta narrativas paranormais que mesclam a ação inteligente e a física. Isso com a função de apresentar ao leitor fragmentos do percurso por ele desenvolvido ao longo de 30 anos de pesquisas envolvendo a estranha fenomenologia. Ao tratar da premente problemática da sobrevivência do espírito à morte do corpo físico, o autor de *A nova revelação* expõe alguns fenômenos inusitados que dimensionam um pouco do material de que se serviu Allan Kardec em suas pesquisas que conduziram ao paradigma espírita:

Mantenho, presentemente, relações com treze mães que se acham em comunicação com seus filhos *desencarnados*. E, dos maridos dessas mulheres, aqueles que estão vivos confirmam a exatidão da prova obtida. Ao que sei, apenas uma dessas famílias já antes da guerra tinha conhecimento dos fenômenos psíquicos. *Alguns desses casos apresentam certas peculiaridades dignas de nota. Em dois deles as figuras dos rapazes mortos apareceram em fotografias ao lado das de suas mães.* Noutro, a primeira mensagem dirigida à mãe do morto lhe veio ter às mãos por intermédio de um estrangeiro, a quem o endereço da mulher foi dado com a maior exatidão. Depois, as comunicações se tornaram diretas. *Num terceiro caso, o método adotado para a transmissão das mensagens consistiu em fazer referências a determinadas páginas e linhas de livros esparsos por diversas bibliotecas, compondo esses fragmentos uma comunicação.* Este processo afasta todo receio de ação telepática. Com efeito, não há possibilidade de que uma verdade seja provada por quem ainda não teve dela a prova. (DOYLE, 1980, p.54; grifos nossos)

Os trechos em destaque no excerto dissertativo de Arthur Conan Doyle representam abordagens que são disseminadas e detalhadas na já vasta bibliografia espiritista, desde que a doutrina foi sistematizada por Allan Kardec, formando uma massa crítica considerável que instaura em definitivo o imaginário espírita na cultura universal. Conan Doyle é um nome representativo da historiografia literária. Em termos da interação imaginário e literatura, sua conversão ao espiritismo remete não somente a nomes como Victor Hugo, também convertido ao espiritismo, mas também a outros autores importantes da literatura ficcional que se serviram do imaginário espírita em suas efabulações.

Dentre outros, podem ser citados como exemplos a serem estudados detalhadamente em outros momentos e escritas os nomes de João Guimarães Rosa, Fiodor

Dostoyévski e Marcel Proust. Neste estudo, de forma preambular ao imaginário espírita em José J. Veiga, apresentaremos algum apontamento em torno do clássico de Guimarães Rosa e sua relação com o imaginário do espiritismo kardecista.

Em *Grande sertão: veredas*, Rosa (1994) apresenta a instigante e portentosa narrativa em torno de um ex-jagunço que dialoga com um cidadão sobre o seu passado no cangaço. Riobaldo Tartarana, o ex-bandoleiro dos sertões mineiro e goiano, fizera um pacto com o diabo em suas andanças entre jagunços ferozes. Em sua versão para o interlocutor urbano, ele não sabe exatamente se o pacto se efetivou ou não.

Todavia, acredita que a religiosidade humana é importante, enumerando uma série de crenças e práticas às quais recorre, dentre as quais menciona as preces realizadas por seu compadre Quelemém, “seguidor da doutrina de Cardéque (1994, p.16).” O imaginário espírita é referido de forma mais precisa por Riobaldo em sua fala sobre três crianças que ficaram cegas após uma enfermidade.

Conforme os postulados espíritas (KARDEC, 1996), as ações criminosas de uma outra encarnação faz com que o espírito renasça em um outro corpo com a finalidade de expiar os erros da encarnação anterior. Em consonância com esse postulado espiritista, a narrativa de *Grande sertão: veredas* relata:

Mas, em verdade, filho, também, abrandando. Olhe: um chamado Aleixo, residente a légua do Passo do Pubo, no da Areia, era o homem de maiores ruindades calmas que já se viu. Me agradou que perto da casa dele tinha um açudinho, entre as palmeiras, com traíras, pra-almas de enormes, desenormes, ao real, que receberam fama; o Aleixo dava de comer a elas, em horas justas, elas se acostumaram a se assim das locas, para papar, semelhavam ser peixes ensinados. Um dia, só por graça rústica, ele matou um velhinho que por lá passou, desvalido rogando esmola. O senhor não duvide – tem gente, neste aborrecido mundo, que matam só para ver alguém fazer careta... Eh, pois, empós, o resto o senhor prove: vem o pão, vem a mão, vem o são, vem o cão. Esse Aleixo era homem afamado, tinha filhos pequenos; aqueles eram o amor dele, todo, despropósito. Dê bem, que não nem um ano estava passado, de se matar o velhinho pobre, e os meninos do Aleixo aí adoeceram. Andação de sarampão, se disse, mas complicado; eles nunca saravam. Quando, então, sararam. Mas os olhos deles vermelhavam altos, numa inflama de sapiranga à rebelde; e susseguinte – o que não sei é se foram todos numa vez, ou um logo e logo outro e outro – eles restaram cegos. Cegos, sem remissão dum favinho de luz dessa nossa! O senhor imagine: uma escadinha – três meninos e uma menina – todos cegados. Sem remediável. O Aleixo não perdeu o juízo; mas mudou: ah, demudou completo – agora vive da banda de Deus, suando para ser bom e caridoso em todas suas horas da noite e do dia. Parece até que ficou o feliz, que antes não era. Ele mesmo diz que foi um homem de sorte, porque Deus quis ter pena dele, transformar para lá o rumo de sua alma.

Isso eu ouvi, e me deu raiva. Razão das crianças. Se sendo castigo, que culpa das hajas do Aleixo aqueles meninozinhos tinham?! Compadre meu Quelemém reprovou minhas incertezas. Que, por certo, noutra vida revirada, os meninos também tinham sido os mais malvados, da massa e peça do pai, demônios do mesmo caldeirão de lugar. Senhor o que acha? E o velhinho assassinado? – eu sei que o senhor vai discutir. Pois, também. Em ordem que ele tinha um pecado de crime, no corpo, por pagar. Se a gente – conforme compadre meu Quelemém é quem diz – se a gente torna a encarnar renovado, eu cismo até que inimigo de morte pode vir como filho do inimigo. (ROSA, 1994, p.9)

Outros momentos da extensa e prodigiosa narrativa de *Grande sertão*: veredas vão caracterizar-se como diálogo franco com o imaginário espírita, que em obras como *Em busca do tempo perdido*, em seu primeiro volume sob o título de *O caminho de Swann*, de Marcel Proust, aparece em referência breve, como neste excerto:

Era um pássaro, era a alma incompleta ainda da pequena frase, era uma fada; aquele ser invisível e lastimoso cuja queixa o piano a seguir repetia com ternura? Seus gemidos eram tão repentinos que o violinista deveria se precipitar sobre seu arco para recolhê-los. Maravilhoso pássaro! O violinista parecia querer encantá-lo, aprisioná-lo, captá-lo. Já havia passado para sua alma, já a pequena frase evocada agitava, *como a de um médium*, o corpo verdadeiramente possuído do violinista. (PROUST, 2014, p.409; grifo nosso)

Neste trabalho, contudo, pretendemos apresentar de maneira um pouco mais demorada o estudo de caso em torno do imaginário espírita presente na obra do escritor goiano José J. Veiga, que em 2015 teve como efeméride biográfica os 100 anos de seu nascimento.

O ETOS ESPÍRITA EM *O RELÓGIO BELISÁRIO*

No ano de 1995, o escritor goiano, José J. Veiga, publicava o romance intitulado *O relógio Belisário*, que, dado a sua dimensão, bem poderia ser classificado como uma novela, no âmbito dos estudos acerca do gênero literário e sua dimensão formal na lusofonia. Nascido no ano de 1915, José J. Veiga, que faleceu em 1999, pertence ao realismo fantástico no contexto da historiografia literária brasileira. Acerca de sua atuação na literatura, afirma o crítico literário Alfredo Bosi, em *História concisa da literatura brasileira*, que a produção de Veiga pode ser vista como um dos exemplos “que valem como sintomas de crise da ficção introspectiva e signos de que esta vem entrando numa era de pesquisa estética e de superação de um ‘realismo’ menor, convencional [...] (BOSI, 2000, p.423)”.

Na sinopse de *O relógio Belisário*, o protagonista, Belisário, é um tímido garoto interiorano, foragido da cidade de Corumbá, cidade de Mato Grosso, de onde saiu amedrontado por causas inicialmente desconhecidas, que são reveladas ao longo da narrativa. Suas andanças o levaram à chácara de um casal aposentado, desembargador Mariano e sua esposa Artemisa. Ambos têm um casal de filhos, Simão e Dolores, que vivem na cidade grande, mas estão sempre presentes no retiro rural dos genitores, protagonistas da ação ao lado de Belisário (VEIGA, 2010).

A singular narrativa de *O relógio Belisário* tem início com uma surpreendente visão do menino Bel, apelido do personagem principal, que vê através do porão onde dorme na casa grande um tropel de cavalos e seus cavaleiros que chegam em profusão à pequena propriedade, movimentando toda uma logística de armas, munição e gente no preparo de acomodações e providências outras. Tratava-se de algo bastante inusitado, pois nada daquilo era comum à calmíssima propriedade do desembargador. Narra o autor:

Mas havia uma pessoa na área do tumulto que não estava só assustada – estava fascinada também. Era o menino Belisário, às vezes Bel, às vezes Béu, que tinha a sua cama no porão [...]. De sua cama no porão Belisário via tudo como num cinema, com medo de ver mas olhando. Como era possível, se as aberturas do porão que chamavam de janelas não passavam de pequenas vigias guarnecidas de tela para vedar a entrada de morcegos, gambás, cobras e outros notívagos indesejáveis? (VEIGA, 2010, p.6)

A abertura do romance de Veiga com uma descrição do fenômeno visualizado por Belisário mostrando cavalos e cavaleiros é significativa no âmbito do imaginário para toda a estrutura da obra. Em seu estudo, Gilbert Durand trata com bastante precisão dos símbolos teriomórficos, que são constituídos pela representatividade simbólica que os mais diversos animais têm no contexto cultural humano. Sobre o cavalo, dentre outras instigantes informações, afirma o pesquisador francês:

Mas não é ao sol enquanto luminária celeste que está ligado o simbolismo hipomórfico, mas ao sol considerado como temível movimento temporal. É esta motivação pelo itinerário que explica a indiferente ligação do cavalo com o sol ou com a lua: [...] *O cavalo é, portanto, o símbolo do tempo, já que se liga aos grandes relógios naturais.* (DURAND, 2012, p.78; grifo nosso)

É representativo, portanto, para a estrutura imaginária de *O relógio Belisário*, que a visão do jovem protagonista apresente um tropel de cavalos em uma madrugada, já que o romance se desdobrará através de uma peculiaríssima percepção do tempo. Assim,

é neste contexto do imaginário durandiano que o desembargador Mariano adquirirá um imponente relógio de 200 anos em um antiquário.

Levado a sua fazenda, passa a fazer parte do ambiente doméstico da casa principal, onde o casal aposentado passa a fixar residência. Na presença do antigo relógio, o garoto Belisário parece entrar em transe, o que é confirmado no desenvolvimento da história concebida por José J. Veiga. Seu estado alterado de consciência, porém, apresenta uma singularidade. A partir da fixação no antigo relógio, Belisário pode vislumbrar os acontecimentos que foram testemunhados pelo aparentemente impassível objeto (VEIGA, 2010).

A partir dessa perspectiva, alguns acontecimentos bastante singulares são narrados pelo garoto em transe que são conduzidos de forma sutil pelo experimentado desembargador, que conta com o auxílio de um amigo da família, Mirkiz, para inicialmente convencer Belisário de que tudo aquilo é natural:

- Parece que estamos diante de um caso de consonância, ou ressonância, ou sintonia, ou indução simpática, seja lá o que for nessa linha, que existe entre esse menino e o relógio. Ele vai ser o nosso intermediário, ou a nossa isca. Mas... parece que o senhor levantou uma dúvida?

- Tenho uma dúvida sim. Não sei se conseguiremos trazê-lo para o grupo. Ele tem medo do relógio, principalmente de noite, quando o escuta bater, sozinho aí no quarto do porão, bem debaixo do relógio.

Mirkiz pensou, coçando o queixo. - Grande maçada - disse. - Se ele tem medo, pode dificultar as coisas. Precisamos primeiro achar um jeito de exorcizar esse medo. Vamos convencer o menino de que ele é um *médium* de relógio, mas vamos dizer médico; e que ser médico de relógio é uma qualidade rara, existem pouquíssimos no mundo, e que ele tem mais é que aceitar, em vez de ficar apavorado. (VEIGA, 2010, p.68; grifo nosso)

O termo em destaque no recorte do romance remete de forma direta ao imaginário espírita, pois ele foi cunhado por Allan Kardec (1996b, p.487) em *O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores*: “*Médium* - (Do latim - *medium*, meio, intermediário.) - Pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os homens”. Esses transe guardam uma singular correspondência intertextual, em sua definição de mosaico de citações (KRISTEVA, 1974, p.60), com elementos biográficos mencionados por Arthur Conan Doyle em sua autobiografia *A nova revelação*, cuja transcrição pode ser conferida linhas acima, e que apresenta o criador de Sherlock Holmes como proficiente da crença espiritista.

Conforme pode constatar através de sua vidência no tempo, Belisário narra o envolvimento do primeiro proprietário do relógio fantástico com alguém cujo perfil e nome remetem de forma contundente ao personagem criado pelo célebre escritor espírita. A partir dessa relação de amizade, o Holmes que viajava ao Brasil em férias auxilia a polícia local a investigar um roubo de joias de que fora vítima uma abastada amiga de seu anfitrião brasileiro. O inusitado acontecimento envolve, ainda, o escritor pré-modernista Lima Barreto, que ministra breves ensinamentos sobre o fazer literário ao famoso detetive (VEIGA, 2010, p.127).

Em obra de natureza histórica sobre a vasta fenomenologia espiritual que encorpa o imaginário do espiritismo, intitulada *História do espiritismo*, Conan Doyle menciona de passagem um inusitado fenômeno paranormal que foi batizado de “psicometria”. Relata ele:

Algumas páginas devem ser dedicadas a um resumo da prova objetiva e muito convincente das moldagens tomadas de corpos de ectoplasma – por outras palavras, de formas materializadas. Quem primeiro explorou essa linha de pesquisa parece ter sido William Denton, autor de “Naturés Secrets”, *um livro de psicometria, publicado em 1863*. (DOYLE, 2008, p.431; grifo nosso)

Em *Memória cósmica*, o pesquisador espírita brasileiro, Hermínio C. Miranda, apresenta um instigante relato em torno de sua saga para tentar traduzir outro livro de William Denton, que trata da psicometria, intitulado *The soul of things*. Após a leitura do material, Miranda, que também se consagrou no movimento espiritista como tradutor de importantes obras espíritas e literárias do inglês e do francês ao português, optou, por motivos que explica em sua obra, por fazer um estudo em torno do material de Denton em vez de traduzi-lo. Assim, *Memória cósmica* trata do tema “psicometria”, que é assim definido pelo *Dicionário Caldas Aulete*, em sua versão *on line*:

(psi.co.me.tri.a) sf. **1.** *Psi.* Ramo da psicologia voltado para a elaboração e crítica de métodos de mensuração e avaliação de fenômenos e características psicológicas. **2.** *Espt.* Faculdade de alguns médiuns que consiste na percepção ou visão de fatos ou acontecimentos ligados a uma pessoa ou a um objeto. [F.: *psic(o)- + -metria*¹.] (AULETE, 2016, s.p.)

O contexto semântico que interessa ao escopo do presente estudo é, naturalmente, o segundo, que diz da capacidade do médium perceber, através do contato com objetos, acontecimentos ligados a pessoas que foram suas portadoras. É a definição

que embala a narrativa de *O relógio Belisário*. Em *Memória cósmica*, Miranda (2014) apresenta alguns casos de uma série extensa que Denton relata em seu livro não traduzido, mostrando a inusitada habilidade de sensitivos que captam a “alma das coisas”. Sobre as teorias evocadas à época para explicar o estranho fenômeno, *Memória cósmica* registra:

Denton percebeu, como escreve à página 257, que os fenômenos testemunhados por ele seriam, necessariamente, “produzidos por alguma lei ainda desconhecida àquela época”. É verdade isso. Até hoje são fenômenos que nenhuma lei conhecida explica de modo satisfatório. O que abre espaço para as mais disparatadas conjecturas. (MIRANDA, 2014, p.91; aspas do original)

Assim, a “psicometria” se caracteriza fenomenicamente como a possibilidade de determinados indivíduos entrarem em contato com eventos passados que puderam ser testemunhados por objetos. É o caso do protagonista de *O relógio Belisário*, de José J. Veiga. Em que pese a falta de uma teoria consistente sobre o fenômeno (MIRANDA, 2014), neste estudo mencionamos apenas a sua caracterização e seu vínculo com o espiritismo, compondo esse campo fenomênico paranormal mais uma estrutura imagética que se junta a outros fenômenos paranormais no conjunto de imagens (DURAND, 2012) que forma o imaginário espírita.

Em outra obra clássica sobre esse estranho fenômeno paranormal, *Enigmas da psicometria*, do pesquisador italiano Ernesto Bozzano, são relatados também uma sequência de casos que teve o estudo da psicometria como foco. Dentre as dezenas de eventos estudados, o relato de número vinte e seis traz a dramática narrativa de um casal cujo filho perdeu a vida física em um naufrágio marítimo (BOZZANO, 2016, p.66). Os pais só têm ciência dos acontecimentos quinze dias após o infausto incidente. Investigador do paranormal, o genitor do rapaz morto recorre ao auxílio de um médium. Em transe, este pede a carteira do jovem falecido para que pudesse auscultá-la psicicamente através da “psicometria” (BOZZANO, p.66).

Nesse estado alterado de consciência vê o que ocorrera no fatídico sinistro. O jovem morrera afogado, tendo posteriormente um dos braços devorado por um tubarão. No bolso estava um relógio, que parou de funcionar assinalando a marca de 9 horas. O fato foi posteriormente confirmado, quando um tubarão foi morto na região do naufrágio e em seu ventre fora encontrado um braço humano que trazia junto a si um relógio, que marcava exatamente 9 horas. À observação crítica de que a carteira não estivera com o

rapaz naqueles dias, portanto a psicométrica não poderia ser caracterizada, responde Bozzano:

Assim, concluo: dado que o médium não poderia tirar da carteira informações inerentes a uma tragédia posterior à partida dos rapazes, para sempre, da casa paterna, ou seja, depois de se haverem utilizado dessa carteira pela última vez; e dado que a circunstância há pouco referida não permitia ao médium haurir tais informações no subconsciente dos pais, segue-se que a influência contida na carteira serviu para estabelecer a relação entre o médium e as personalidades desencarnadas dos que a usavam conforme parece confirmarem as manifestações mediúnicas, posteriores à análise psicométrica. Esta, parece-me, a única hipótese cientificamente legítima, capaz de resolver o problema. (BOZZANO, 2016, p.70)

Esse caso apresentado em *Enigmas da psicométrica*, por Ernesto Bozzano (2016), contém uma interessante correlação imagética com o romance de Veiga em função do objeto que emerge da experiência psicométrica: um relógio. Nos demais casos apresentados pelo autor italiano, há sempre a instigante característica do fenômeno, que é a da percepção de eventos ocorridos há tempos por indivíduos dotados da estranha faculdade de auscultá-los através dos objetos que os testemunharam.

Assim, o fenômeno conhecido no contexto espiritualista pelo nome de “psicométrica” se caracteriza descritivamente como uma das muitas marcas que contribuíram para a construção do imaginário espírita que, após ser consolidado no tempo e no espaço, espraia-se na literariedade de autores diversos, de épocas e lugares também diversificados, como pode ser observado neste estudo de caso em torno de *O relógio Belisário*, de José J. Veiga.

CONCLUSÃO

Dentre os estranhíssimos fenômenos paranormais ou mediúnicos que estruturam por si sós todo um imaginário não somente espírita, mas também espiritualista, a “psicométrica” se destaca pela sua peculiaridade. Caracterizada pela percepção de imagens que eclodem de objetos de quaisquer natureza, supostamente representativas do que tais artefatos puderam testemunhar ao longo do tempo e do espaço, essa sensibilidade, ou mediunidade, de que alguns indivíduos seriam dotados, ainda aguarda definições mais precisas mesmo no âmbito dos estudos espíritas e/ou espiritualistas em torno de sua problemática.

Nos círculos científicos tradicionais, ao que se infere do grande silêncio que ronda a fenomenologia mediúnica, a possibilidade da “psicometria” como acontecimento real parece sequer ser cogitada. Assim, não constituiu propósito desse estudo de caso a pesquisa em torno da cientificidade ou não desse fenômeno espiritista em particular, mas sim o registro de sua existência e estudo por parte de pesquisadores independentes no âmbito do imaginário espírita e/ou espiritualista.

A partir da referencialidade à existência e aos estudos particulares em torno do fenômeno da psicometria, pretendeu-se neste trabalho apresentar a correspondência entre a natureza fenomênica que o envolve e seu aproveitamento por parte da literariedade do autor goiano José J. Veiga, que na efabulação de *O relógio Belisário* apresenta ao seu leitor uma narrativa perspicaz que tem como pano de fundo a “psicometria”, ou a alma das coisas, em que indivíduos dotados de uma particular sensibilidade podem ler acontecimentos passados cujas cenas contiveram os objetos auscultados pelo vidente.

Na obra em análise, conforme o próprio título referencia, o relógio, essencialmente um marcador de passagem temporal, é o objeto que o protagonista lê com tanta eficiência que ambos se fundem ao compor o nome do último romance do escritor goiano nascido em 1915. Se à cientificidade a “psicometria” pode soar como algo totalmente desprovido de senso, à literatura ela serve à saciedade como matéria efabulatória de onde narrativas extraordinárias podem ser retiradas. É o caso de *O relógio Belisário*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

BOZZANO, Ernesto. *Enigmas da psicometria*. Tradução de M. Quintão. Disponível em <[http://bvespirita.com/Enigmas%20da%20Psicometria%20\(Ernesto%20Bozzano\).pdf](http://bvespirita.com/Enigmas%20da%20Psicometria%20(Ernesto%20Bozzano).pdf)> Acesso em: 09 dez. 2016.

DOYLE, Arthur Conan. *História do espiritismo*. Tradução de Júlio Abreu Filho. São Paulo: Editora Pensamento, 2008.

_____. *A nova revelação*. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora FEB, 1980.

DICIONÁRIO CALDAS AULETE. Disponível em <<http://www.aulete.com.br/psicometria>> Acesso em: 08 dez. 2016.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora FEB, 1995.

_____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora FEB, 1996a.

_____. *O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores*. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora FEB, 1996b.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido: o caminho de Swann*. Tradução de Fernando Py. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

STOLL, Sandra Jaqueline. Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do espiritismo no Brasil. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27138>> Acesso em: 11 dez. 2016.

VEIGA, José J. *O relógio Belisário*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.